

**FAVELA E PRESERVAÇÃO DE ÁREAS VERDES NA
CIDADE DO RIO DE JANEIRO: É POSSÍVEL
COEXISTIREM?**Eliane da Silva Bessa ¹Bárbara Boy Oliveira ²Carolina Franco Neto Laino ³Valéria Fialho ⁴**RESUMO**

O trabalho enfoca a relação entre favela e áreas verdes na cidade do Rio de Janeiro, destacando, particularmente, como estudo de caso o bairro do Leme, área residencial do Rio de Janeiro, situado na zona sul da cidade. Este trabalho é parte da pesquisa sobre o mapeamento de áreas verdes na cidade do Rio de Janeiro, que tem como objetivo principal verificar o distinto processo de ocupação dessas áreas para moradia e a legislação ambiental preservacionista que incide sobre elas. O pressuposto que norteia a pesquisa é a de que favela situada em morro e preservação de área verde podem não ser fatores tão incompatíveis como atribuído, em geral, pela ótica da sociedade e pela ação do poder público. Apresentam-se nesse trabalho os resultados da pesquisa no bairro selecionado que possui uma área relativamente pequena, porém, com grande potencial paisagístico e patrimonial, ocupada por moradias consideradas de classe média alta e pelo Complexo da Babilônia, que abrange duas favelas: Babilônia e Chapéu Mangueira. Por se tratar de uma área de proteção ambiental, uma APA, justifica-se a investigação se há atritos socioambientais nas formas de preservação e ocupação das áreas verdes pelos moradores, tanto os das áreas de favela como os das áreas denominadas formais.

PALAVRAS-CHAVE: Área Verde. Favela. Preservação.

¹ Profª PROURB/FAU/UFRJ e coordenadora da pesquisa. elianebessa@terra.com.br.

² Graduanda FAU/UFRJ e pesquisadora IC do PROURB/FAU/UFRJ.
barbaraboy57@gmail.com.

³ Graduanda FAU/UFRJ e pesquisadora IC do PROURB/FAU/UFRJ. lainocarol@hotmail.com.

⁴ Graduanda FAU/UFRJ e pesquisadora IC do PROURB/FAU/UFRJ.
valeriafialho96@gmail.com.

SLUM (FAVELA) AND PRESERVATION OF GREEN AREAS IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO: IT IS POSSIBLE COEXIST?

ABSTRACT

The article focuses on the relationship between slums and green areas in the city of Rio de Janeiro, highlighting, in particular, as a case study the neighborhood of Leme, residential area of Rio de Janeiro, located in the south of the city. This work is part of research on the mapping of green areas in the city of Rio de Janeiro, which has as main objective to verify the separate process of occupation of these areas for habitation and preservationist environmental legislation that focuses on them. The assumption that guides the research is that slum situated on hill and green conservation area may not be as incompatible as factors attributed, in general, from the perspective of society and by the action of government. We present in this essay the results of research in selected neighborhood that has a relatively small area, however, with great landscape and heritage potential, occupied by villas considered upper middle class and the *Babilônia* complex, which covers two slums *Babilônia* and *Chapéu Mangueira*. Because it is an environmental protection area, it is appropriate to research if there are socio-environmental conflict in the forms of preservation and occupation of green areas by residents, both of slum areas as the areas called formal.

KEY WORDS: Green Areas. Slum. Preservation.

“FAVELA” Y PRESERVACIÓN DE LAS AREAS VERDES EN LA CIUDAD DE RÍO DE JANEIRO: ¿ÉS POSIBLE COEXISTIREM?

RESUMEN

El trabajo se centra en la relación entre los barrios informales (las “favelas”) y zonas verdes en la ciudad de Río de Janeiro destacando, en particular, el caso de estudio del barrio Leme, zona residencial de Río de Janeiro, ubicada en la zona sur (zona privilegiada) de la ciudad. Este trabajo es parte de la investigación sobre el mapeo de zonas verdes en la ciudad de Río de Janeiro, que tiene como principal objetivo verificar el proceso independiente de la ocupación de estas áreas para vivienda y legislación ambiental preservacionista que se centra en ellos. La hipótesis que guía la investigación es que los barrios informales (las “favelas”) situados en la colina y el área de conservación verde pueden no ser tan incompatibles como factores atribuidos, en general, desde la perspectiva de la sociedad y por la acción de gobierno. Presentamos en este trabajo los resultados de la investigación en el barrio seleccionado que tiene un área relativamente pequeña, pero con gran paisaje y potencial patrimonial, ocupada por villas consideradas de clase media alta y el complejo de Babilonia, que abarca dos “favelas”: Babilônia y Chapéu Mangueira. Por ser un área protegida (APA), es apropiada para la investigación, ya que no hay ningún conflicto socio-ambiental en las formas de conservación y ocupación de zonas verdes por parte de residentes, tanto de las zonas de “favelas”, como las áreas llamadas formales.

PALABRAS CLAVE: Area Verde. Favela. Preservación.

INTRODUÇÃO

O Rio de Janeiro é marcado geograficamente pela presença de morros, os quais desde a fundação da cidade serviram de suporte à instalação dos colonizadores. Inicialmente ocuparam o Morro Cara de Cão, mais exposto aos ataques inimigos, até a transferência pouco tempo depois para o Morro do Castelo, mais resguardado em termos de posição geográfica.

Com a ocupação da várzea pelos governantes da coroa portuguesa por volta do século XVII, os morros perdem sua importância como lugar de destaque na cidade e passam praticamente a abrigar somente edificações de cunho religioso, fortalezas e moradias, sendo que estas últimas já não eram mais ocupadas pelas famílias abastadas, se transformando com o passar do tempo em cortiços que caracterizavam um estado de degradação do ambiente onde estavam inseridos.

Há, portanto, uma associação histórica entre ocupação e degradação do morro carioca, até então focada na edificação da moradia sem preocupação com a devastação de áreas verdes, do que isso representava em termos estritamente ambientais. Essa preocupação vai ganhar expressão e força política em muitos séculos mais tarde, quando ocorre um despertar mundial sobre o significado dos problemas socioambientais em relação ao comprometimento da vida das populações.

Nesse contexto que podemos falar das políticas ambientais voltadas para a criação de leis, normas e procedimentos que garantam uma preservação das áreas verdes da cidade, de modo a instituírem a permanência de ambientes urbanos mais saudáveis. No entanto, cabe a ressalva que por razões históricas a construção social da cidade do Rio de Janeiro levou que a ocupação dos morros fosse constituída basicamente por favelas, forma de moradia que a população pobre encontrou para permanecer na cidade do Rio de Janeiro.

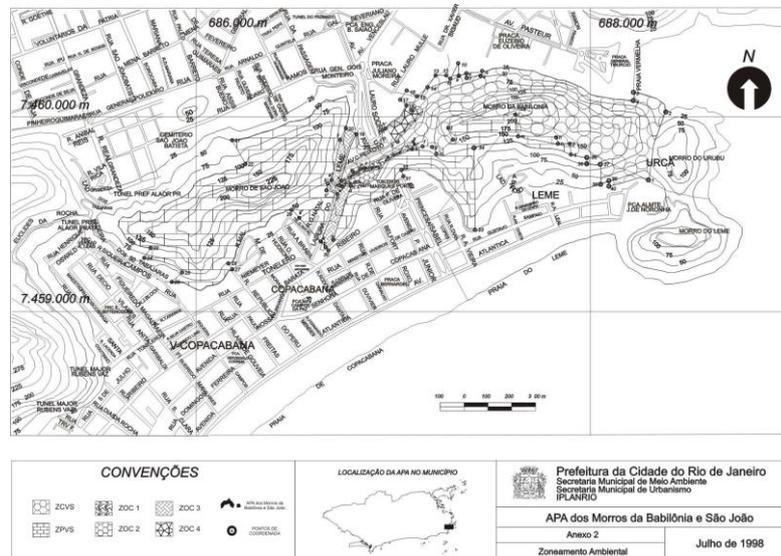
O fato de as populações de baixa renda residirem em encostas íngremes com os riscos a elas associados é fruto do histórico modelo de desenvolvimento urbano segregador que se procedeu no Rio de Janeiro, sendo motivo de questionamento por parte de movimentos sociais na luta pelo Direito à Cidade e Justiça Ambiental. Ao relacionarem a pobreza com o meio ambiente, denunciam problemas decorrentes da exclusão dos pobres do mercado imobiliário formal, o que os submete aos riscos de perdas materiais e humanas por se instalarem precariamente nas áreas ambientalmente frágeis (SOUZA, 2005; RODRIGUES, 2005 e 2009).

Como observa Martins (2012), o debate sobre o meio ambiente nas cidades não pode negligenciar outras questões correlatas, tais como o modelo de desenvolvimento e, mais especificamente, a questão habitacional. Para a cidade do Rio de Janeiro, estima-se um déficit habitacional da ordem de 300 mil residências (PLANO ESTRATÉGICO DO RIO DE JANEIRO 2016). Não é por acaso que aproximadamente 50% das moradias na cidade do Rio se encontram em situação informal (COMPANS, 2007).

Justifica-se assim o interesse em mapear as áreas verdes da cidade ocupadas por moradia de favelas no intuito de se verificar em que estado, em termos socioambientais, se encontra a relação entre os dois fatores; é possível afirmar de forma generalista que favela e devastação são sinônimos? Que não há, por conseguinte, preservação de área verde com existência de favela?

Não podemos deixar de mencionar o peso dos dispositivos legais sobre as áreas verdes, sobretudo nos morros com cobertura vegetal. Esse trabalho se pauta pela legislação ambiental que incide sobre a área verde selecionada. A área se constitui numa APA – Área de Proteção Ambiental, dos Morros da Babilônia (inclui as favelas da Babilônia e Chapéu Mangueira) e do São João, por meio do decreto nº 17.731 de 12 de julho de 1999 que regulamenta a sua utilização.

Figura 1: Mapa da APA dos Morros Babilônia e São João



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. APA dos Morros da Babilônia e São João, 1998.

OBJETIVOS/RESULTADOS ESPERADOS

Diante do exposto o principal objetivo desse trabalho é a partir da seleção de uma área da cidade do Rio de Janeiro, que se constitui num bairro, mostrar com a comprovação de dados e de material iconográfico que a associação negativa comumente feita de forma ideologizada entre favela e preservação de área verde não procede.

Define como objetivo específico a pretensão de que esse estudo comprove que o tratamento analítico genericamente dispensado à favela e preservação como fatores excludentes, é uma falácia do ponto de vista científico. Deve-se recortar espacialmente as diferentes áreas verdes da cidade para se investigar qual o grau de relação entre os dois fatores mencionados. Esse argumento se sustenta na crítica de que:

as definições tradicionais dos espaços periféricos revelam uma crise de representação no que diz respeito à correspondência entre o objeto representado e a imagem hegemônica que dele se tem. A

percepção que se tem do objeto acaba por não traduzir os elementos materiais que o significam. Assim, a representação conceitual foi sendo, de forma progressiva, substituída por uma representação estereotipada. Nesta, os pré-conceitos e juízos generalizantes, desprovidos da relação direta com o núcleo do fenômeno, caracterizam o processo de apreensão dos espaços periféricos e de seus sujeitos sociais. (SILVA, J. S.; BARBOSA, J. L.; BITETI, M. O.; FERNANDES, F. L., 2009, p.17)

RECORTE ESPACIAL DA ÁREA DE PESQUISA

Selecionou-se o bairro do Leme localizado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro por se constituir numa área pequena considerada uma extensão do bairro de Copacabana, que apresenta características singulares para o propósito desse artigo. Na tabela abaixo verificamos que o bairro do Leme tem uma posição em relação ao IDS e a Renda per Capita superior ao da própria Cidade do Rio de Janeiro.

Quadro 1: Dados Comparativos de Renda

| Divisão Territorial Administrativa | Índice de Desenvolvimento Social* | Rendimento nominal mensal domiciliar <i>per capita</i> da população residente 2014 |
|------------------------------------|-----------------------------------|--|
| Cidade do Rio de Janeiro | 0,565 | 1187,08 |
| Bairro do Leme | 0,761 | 1713,89 |

*O Índice de Desenvolvimento Social se refere à 1) Dimensão Acesso a Saneamento Básico 2) Dimensão Qualidade Habitacional 3) Dimensão Grau de Escolaridade 4) Dimensão Disponibilidade de Renda

Fonte1: Instituto Pereira Passos (IPP) de 2000

Fonte2: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2014

O Leme possui uma faixa de terra espremida entre o mar e a montanha, sendo que no ponto extremo do bairro encontra-se uma fortaleza, fundada no final do século XVIII, estrategicamente colocada como ponto de vigília do mar. O forte foi tombado definitivamente pelo poder Municipal por meio do Decreto nº 39706 de 30 de dezembro de 2014. Trata-se de um bairro ocupado por edificações de classe média alta com uma infraestrutura urbana considerada

satisfatória em termos de acessibilidade e serviços. Possui duas favelas denominadas: Babilônia e Chapéu Mangureira. As fotos abaixo exemplificam a relação da favela com as áreas verdes e com o próprio bairro. Observa-se que há um potencial paisagístico proporcionado pela relação do morro com o mar, como constatado nas Figuras 3 e 4.

Figura 2: Vista aérea das favelas e parte do bairro



Fonte: RIO+SOCIAL, 2014

Figura 3: Vista aérea do bairro e da fortaleza.
Em vermelho e amarelo as favelas e em laranja o Forte



Fonte: Google Maps

Figura 4: Vista da favela para o bairro do Leme



Fonte: Fotografia, Carolina Laino, 2015.

A formulação de um mapa da área concebido por meio da técnica figura-fundo permite perceber a relação do espaço edificado com o espaço vazio no Bairro do Leme. Observa-se que as áreas de favela são relativamente pequenas em relação ao adensamento de habitações, o que pressupõe uma baixa densidade populacional se comparada com outras áreas de favela na cidade, como o Complexo do Alemão, por exemplo, situado na zona norte da cidade.



Fonte: Mapa de figura-fundo, Valéria Fialho, 2015.

METODOLOGIA

O artigo ora apresentado é fruto da pesquisa sobre “Ocupação de Moradias e Preservação de Áreas Verdes” desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Urbanismo da FAU/UFRJ. A ideia central da pesquisa é realizar um mapeamento das áreas verdes da cidade do Rio de Janeiro, localizando nessas áreas as formas de ocupação existentes. A grande maioria das áreas verdes na cidade do Rio é ocupada por favelas.

Estruturada por uma leitura que contempla teoricamente conceitos e noções concernentes à questão ambiental, a pesquisa iniciou sua investigação no Complexo do Alemão, uma grande área de favela situada na zona norte da cidade, como mencionado acima. O método de trabalho empregado lançou mão da análise histórica para conhecer o processo de ocupação, a situação do entorno, realizou o levantamento da legislação ambiental existente e os projetos e planos implementados por ONGs e pelo poder público. Utilizou a cartografia e fotos como recursos iconográficos que ajudam na leitura visual da área de estudo.

A partir do conhecimento adquirido com a experiência da pesquisa no Complexo do Alemão selecionou-se outra ocupação em área verde que caracterizasse uma situação oposta até então ao observado, mas submetida igualmente à legislação ambiental. Foi com esse objetivo que destacamos as favelas que se encontram no Bairro do Leme. As principais diferenças entre as favelas referem-se ao tamanho, a localização, ao entorno e aos investimentos públicos realizados.

O presente estudo utilizou dados provenientes de fontes secundárias oficiais como o site da Prefeitura do Rio de Janeiro e o Censo do IBGE para configurar o quadro de infraestrutura urbana das duas favelas e o perfil da população que reside no Bairro do Leme. Investigou do ponto de vista institucional o papel do Forte situado no morro do Leme e a sua relação com os moradores. Lançou mão da cartografia e de fotos para expressarem

visualmente a vinculação da moradia com a área verde. Trabalhou-se nesse artigo com o conceito de favela definido pelo IBGE, que é o de:

“aglomerado sub-normal”, a saber: “conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa”. (IBGE, 2010)

Ao pesquisarmos sobre os critérios definidos pelo IBGE para definir um aglomerado sub-normal veremos que nem todos se enquadram nas favelas do Leme. “Ocupação ilegal de terras”, este ainda é o caso das duas favelas, mas “urbanização fora dos padrões vigentes” já não corresponde à realidade. Surpreendentemente os índices que veremos adiante são bastante elevados em termos da existência de serviços essenciais.

A tabela abaixo revela percentuais elevados com a constatação de que as favelas destacadas encontram-se totalmente excluídas dos padrões de urbanização do que comumente existe nas favelas cariocas. No entanto, cabe detalhar, com base na análise do Rio+Social, 2014, documento elaborado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que os dados apresentados referem-se à cobertura dos serviços urbanos, sem menção à qualidade dos mesmos, que podem ser intermitentes.

Os moradores, em geral, são atendidos por rede de água e de esgotamento sanitário, sendo baixo o percentual de domicílios com fossa séptica, embora essa modalidade seja considerada adequada, desde que construída dentro dos padrões técnicos. Tanto o fornecimento de água como o da rede de esgotamento sanitário se interligam à rede geral do bairro.

Quadro 1: Dados de Infraestrutura Urbana

| Infraestrutura | Babilônia | Chapéu Mangueira |
|----------------|-----------|------------------|
| Água | 99,6% | 100% |
| Esgoto | 94% | 99,8% |
| Lixo | 99,7% | 100% |
| Luz | 100% | 100% |

Fonte: RIO+SOCIAL, 2014

O aparente bom resultado da prestação de serviços essenciais apresentado pela tabela acima, é fruto da intervenção urbanística realizada nas favelas, através do projeto Morar Carioca.

Reproduzimos aqui o projeto na íntegra da arquiteta Solange de Carvalho que foi implantado nas favelas do Bairro do Leme.

“O Projeto de Urbanização das favelas Babilônia e Chapéu Mangueira foi selecionado como Projeto Piloto do Morar Carioca, estabelecendo novas soluções e parcerias para estruturar propostas a curto, médio e longo prazo, com inovações tecnológicas e práticas sustentáveis, assim como melhoria da renda e das condições de habitabilidade das comunidades.

Intervenção

Dentro deste princípio, a intervenção urbanística proposta visa a complementação das intervenções implantadas pelo Programa Bairrinho, considerando o atendimento às novas demandas das comunidades e soluções ambientalmente sustentáveis.

Infraestrutura

- 100% obra de retaguarda – Ladeira Ary Barroso, rua Gal. Ribeiro da Costa, e

ligação à rede Av. Atlântica, no Leme.

- *Redes de esgoto, água e drenagem.*
- *Urbanização dos acessos e de áreas de lazer.*

Acessibilidade

- *Implantação de Via de serviço – da Ladeira Ary Barroso até o alto da Babilônia, chegando à UPP.*
- *Implantação de Via Limite, garantindo os limites da APA Babilônia.*
- *Revitalização de toda a Ladeira Ary Barroso.*
- *Reorganização de todas as escadarias, implantando degraus confortáveis, patamares e corrimão, quando possível.*

Edificações

- *Construção de 117 unidades Habitacionais em 3 terrenos, em edificações em:*
- *Estrutura metálica, Vedações em Steel Frame e bloco de concreto celular*
- *Reuso da água da chuva e de esgoto para vasos sanitários e rega/lavagem de* *rua*
- *Aquecimento solar para chuveiros*
- *Medidores individuais de água,*
- *Separação e Coleta seletiva de lixo,*
- *Eficiência energética – lâmpadas LED*
- *Construção de Posto de Orientação Urbanístico e Social – POUZO*
- *Construção de lojas, para relocação do comércio existente*
- *Melhorias Habitacionais em parte das edificações existentes*

Tempo de Projeto - de 06/10 a 10/10 (Projeto Básico) / Obra: EM ANDAMENTO

Contratante – Secretaria Municipal de Habitação (Projeto Básico) /

Dimensional Engenharia (Projeto Executivo)

Localização – Zona Sul do RJ, no bairro do Leme.

Relevo – Inclinado

População – Babilônia: 530 dom. / Chapéu Mangueira: 470 dom. / Total 1.000 dom.

Área – 25,0 ha

Histórico - Babilônia e Chapéu Mangueira são favelas que ocuparam, a partir de 1911, o morro ao final da Ladeira Ary Barroso, entre os fundos dos lotes dos edifícios do bairro do Leme e a Área de Proteção Ambiental. Ambas as favelas foram atendidas parcialmente em 2004 pelo Programa Bairrinho. Em junho de 2009, foram pacificadas com a instalação, no alto da Babilônia, da Unidade Pacificadora de Polícia – UPP. A partir disso, têm sido feitas diversas ações sociais e de melhorias.

Caracterização – terreno em encosta; maioria das construções em alvenaria; maioria das ruas pavimentadas no Chapéu Mangueira; algumas ruas pavimentadas na Babilônia; cerca de 90 moradias construídas na APA, exercendo pressão para ocupação da mata” (CARVALHO, S. projeto desenvolvido pelo escritório de arquitetura ArquiTraço).

CONCLUSÃO

O artigo corrobora, de certa forma, as análises de favela que apontam para o grande diferencial que existe entre elas, mesmo com as similitudes em vários aspectos socioambientais como a falta de infraestrutura adequada, precarização de moradias, carência de equipamentos urbanos, degradação ambiental e localização em área de risco. Descarta, assim, qualquer possibilidade de se pensar em homogeneização de favelas, na perspectiva de que favela é sinônimo de ambiente degradado. Sempre devemos considerar não só o próprio histórico de ocupação como o território onde se encontram na geografia da cidade.

A ideia de mapear as áreas verdes do Rio de Janeiro no tocante às favelas revelou-se produtora, na medida em que ajuda a mostrar a inconsistência de se generalizar favela como responsável pela degradação de áreas verdes.

A sociedade, em geral, tende a olhar favela como parte (des)integrante da cidade constituída num território ambientalmente degradado e violento vinculado à pobreza.

O julgamento dos que estão de fora é pautado pela aparência do que veem e do que ouvem, em termos de estereótipos e manifestações de preconceitos.

A pesquisa tem o mérito de demonstrar que generalizar favela como lugar de degradação é um reducionismo de significado histórico e de importância social, tendo em vista o tamanho da população que depende dela para morar, por não conseguir se incluir no mercado formal da cidade.

O mapeamento das áreas verdes e suas formas de ocupação acaba se tornando um recurso analítico eficaz, que ao sinalizar as diferenças entre elas contribui como mais um fator de aprofundamento dos estudos de favela.

No caso apresentado nesse artigo podemos especular que a presença do Forte, por se constituir um fator de vigilância permanente sobre as áreas de favela em questão, contribui de forma considerável na contenção do crescimento das favelas que estão localizadas na APA. No nosso entender o fato de existir a APA não seria *per si* suficiente para evitar a expansão das favelas, principalmente por estarem situadas num lugar de potencial paisagístico e econômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Solange. **Acessibilidade e lixo em projetos de favelas no Rio de Janeiro**. In: IZAGA, F. (org). *Cidade Sustentável, expressão do século XXI*: Instituto de Arquitetos do Brasil. Departamento do Rio de Janeiro, 2015. 100 p.

CAVALLIERI, F, LOPES, G. P. **Índice de Desenvolvimento Social - IDS: comparando as realidades microurbanas da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Coleção de Estudos Cariocas. Nº 20080401. 2008.

COMPANS, R. **A cidade contra a favela**. A Nova Ameaça Ambiental. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v 9, nº 1, Maio, 2007, p.83-89.

IBGE. Censo 2010

MARTINS, M. L. R. **Sociedade e natureza no meio ambiente urbano**. In: Desafios ao planejamento: produção da metrópole e questões ambientais. RIBEIRO, A. C. T.; LIMONAD, E.; GUSMÃO, P. P. (orgs). Série Quem planeja o território? Atores, arenas e estratégias (p. 154-170). Rio de Janeiro, Letra Capital, 2012, p.154-170.

PLANO ESTRATÉGICO DA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO 2009-2012. **PÓS 2016. O Rio mais integrado e competitivo**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/>

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Panorama dos Territórios UPP Chapéu-Mangueira / Babilônia**. Rio + Social. 2014.

SILVA, J. S.; BARBOSA, J. L.; BITETI, M. O.; FERNANDES, F. L. (orgs). **O que é favela, afinal?** Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, RJ, 2009.

SOUZA, M. J. L. **O desafio metropolitano. Um estudo sobre a problemática sócioespacial nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.